

OSHO

Padres e Políticos: A Máfia do Espírito

Tradução de
Sérgio Gonçalves

Pergaminho

CAPÍTULO 1

A Religião Real e a Pseudorreligião

A palavra *religião* é bela. Provém de uma raiz que significa aproximar aqueles que, na sua ignorância, se afastaram; aproximá-los, despertá-los para que possam ver que não estão isolados. Então, jamais conseguirão sequer danificar uma árvore. A sua compaixão e o seu amor serão pura e simplesmente espontâneos – não cultivados, nem provenientes de uma disciplina. Se o amor for um ato de disciplina, será falso. Se a não-violência for cultivada, será falsa. Se a compaixão for fomentada, será falsa. Mas se surgirem de forma espontânea, sem qualquer esforço da nossa parte, aí sim, terão uma realidade tão enraizada, tão rara... No passado, foram cometidos imensos crimes em nome da religião. Pereceu mais gente pelas mãos de pessoas religiosas do que pelas de quaisquer outras. Certamente, estas terão sido religiões falsas, ou mesmo pseudorreligiões. A verdadeira religião está ainda por nascer.

*

O que é a religião? Qual é a sua opinião sobre a religião organizada?

A religião é o mais alto voo da consciência humana – representa a procura individual da verdade. A verdade interior não pode ser transformada num objeto de senso comum. Cada pessoa deverá percorrer o trilha por si mesma; de cada vez, será uma nova descoberta. De pouco importa quantas pessoas tenham alcançado a iluminação, a

constatação; no momento em que *você* a alcance, será algo completamente novo – pois jamais pode ser emprestada.

No fundo, a procura consiste essencialmente em conhecer a sua interioridade. Você tem um exterior, e não pode haver um exterior sem um interior: a própria existência de um exterior é prova da existência de um mundo interior.

O mundo interior consiste em três camadas: os pensamentos representarão a mais superficial; os sentimentos estarão já num nível mais profundo – e depois existe o ser, que representa a sua divindade. Conhecer a sua própria divindade, a sua própria eternidade, representará a procura fundamental da religião.

Todos os seus sentidos o levam ao seu exterior: os olhos abrem-se para ver o exterior, os ouvidos escutam o que se passa no exterior, as suas mãos podem tocar no que está no exterior. Os sentidos são as nossas portas de saída para a rua – e lembre-se sempre, a porta que o leva para o exterior também o conduz ao interior. É a mesma porta pela qual sai de sua casa e pela qual volta a passar quando regressa; somente a direção muda.

Para ir ao exterior, necessita de olhos bem abertos. Para regressar, necessita de olhos fechados, do silêncio de todos os sentidos. A primeira batalha será com a mente – mas essa não é a sua realidade. Embora esteja dentro do seu crânio, não o representa a si – representa um reflexo do exterior. Todos os seus pensamentos são reflexos do exterior. Por exemplo, uma pessoa cega não conseguirá pensar em cores, porque nunca viu cores – daí que o reflexo não seja possível. A pessoa cega nem sequer consegue ver a escuridão. Uma vez que nunca viu a luz ou a escuridão no exterior, não há qualquer possibilidade de um reflexo. A pessoa cega não sabe se há escuridão ou se há luz – nenhuma das palavras terá significado real para ela.

Se você analisar os seus pensamentos, chegará à conclusão de que todos eles são desencadeados em si pela realidade exterior – por isso, no fundo, eles são pensamentos externos, refletindo-se no lago interior da sua consciência. Mas devido a estes pensamentos... Eles são como que uma multidão na sua mente; vão continuando a acumular-se, criando uma Muralha da China. Tem que ir além dos seus

pensamentos. A religião conhece um único método – poderá haver designações diferentes, mas o método é o mesmo: estar alerta, testemunhar. Somente deverá observar os seus pensamentos, sem quaisquer juízos de valor – sem condenar, sem valorizar, completamente alheado –, assistindo meramente ao desenrolar dos pensamentos no ecrã da sua mente. À medida que o seu lado observador se fortalecer, os seus pensamentos perderão força – em igual proporção. Se o lado observador representar dez por cento da sua energia, então noventa por cento da sua energia será desperdiçada em pensamentos; se o seu lado observador atingir os noventa por cento, restarão apenas dez por cento para os pensamentos. No momento em que conseguir ser observador a cem por cento, a sua mente estará vazia.

Este processo é conhecido por meditação. Ao passar para além dos pensamentos, chegará à segunda camada no seu interior – a dos sentimentos, do seu coração, que é mais subtil. Mas, por esta hora, o seu lado observador chega mesmo a ser capaz de observar os seus estados de espírito, os seus sentimentos, as suas emoções, as suas sensações – por mais subtis que possam ser. Este método funciona da mesma forma que com os pensamentos: em pouco tempo, já não existirão sentimentos, nem sensações, nem estados de espírito. Terá já transcendido a mente, bem como o coração. Agora, restará apenas o silêncio absoluto; nada se move. Este é o seu ser; este é você.

A essência do seu ser é a verdade. A beleza do seu ser é a beleza da existência. O silêncio do seu ser é a língua que a existência compreende. E para que fiquemos esclarecidos quanto ao tema do ser, acabou de chegar a casa. Acabou-se o deambular. Acabou-se a debatidura. Em paz, senta-se tranquilamente no seu interior. Um soberbo esplendor que se mantivera oculto é-lhe revelado: não está separado da realidade, faz parte dela. As árvores e a lua e as estrelas e as montanhas fazem todas parte de uma unidade orgânica; você também faz parte dessa união organizada – torna-se parte de Deus.

A religião representa o maior feito do Homem. Para além da religião, não resta nada – mas também não há qualquer necessidade. O seu ser é de tal forma abundante, transbordando felicidade, silêncio, paz, compreensão, êxtase, que, pela primeira vez, a vida é verdadeiramente

uma canção, uma dança, uma celebração. Aqueles que não conhecem a religião não sabem o que é a celebração.

A religião organizada é um assunto totalmente diferente. Devo fazê-lo ver que a religião autêntica é sempre individual. No momento em que a verdade se torna organizada, ela morre; torna-se uma doutrina, uma teologia, uma filosofia – mas já não será uma experiência, pois a multidão não consegue experienciar. A experiência ocorre apenas a indivíduos – separadamente.

É quase como o amor. Não podemos ter organizações de amor, para nos preocuparmos menos: a organização tratava do assunto, o padre amava por si. Mas foi isso que aconteceu à religião. De cada vez que uma pessoa descobre a verdade, é imediatamente abordada por aquele que será um dos elementos mais astutos da humanidade, o padre. Começam a acumular os dizeres; começam a interpretar as suas palavras; e começam a deixar bem claro às pessoas que se quiserem conhecer a verdade, terão que fazê-lo através deles – são agentes de Deus. Poderão autointitular-se de profetas, ou então de mensageiros; poderão escolher qualquer designação, mas a verdade é que são agentes de Deus autoneameados. Eles não conhecem Deus, mas exploram a humanidade em nome de Deus.

A religião organizada é outra forma de fazer política. Tal como sempre condenei a política como sendo a mais reles atividade dentro da humanidade, mantereirei a mesma atitude para com as religiões organizadas. É fácil de compreender: os padres e os políticos estiveram sempre em conspiração contra a humanidade. Têm vindo a apoiar-se. Dividiram a vida entre si, para que a nossa vida mundana pertença ao político, aí é ele quem governa, e a nossa vida interior pertença ao padre, sendo ele o governador aí.

É tão estranho! Parece inacreditável que em pleno século xx o Papa possa proclamar que comunicar diretamente com Deus representa um pecado. Devemos passar pelo padre, a via correta de comunicação – porque se as pessoas começarem a dirigir-se diretamente a Deus, a confessar-se a Deus, a rezar a Deus, largos milhões de padres ficarão sem trabalho. Eles não fazem nada; a sua função incide em enganá-lo. Pelo simples facto de você não compreender a linguagem de Deus, e

por não estar tão envolvido, mediante o pagamento de uma determinada taxa – um donativo à sua igreja ou ao seu templo –, eles tratarão do assunto por si.

Todos os donativos vão parar diretamente aos bolsos dos padres! Eles não sabem nada sobre Deus, mas são bastante sabidos – conseguem reproduzir as escrituras sagradas como se fossem papagaios. Mas o seu desejo interior não é alentado por Deus, nem pela verdade – eles não são buscadores, são usurpadores.

Contaram-me...

Um padre comprou dois papagaios e ensinou-lhes, com imensa dedicação, declarações belíssimas de Jesus Cristo. As pessoas ficavam verdadeiramente surpreendidas – os papagaios conseguiam proferi-las com tremenda exatidão. Fez-lhes pequenos terços, para que estivessem constantemente a rezar, e encontrou pequenas Bíblias para eles; eles mantinham sempre as suas Bíblias abertas e contavam os seus terços. Embora não soubessem ler, já tinham interiorizado tudo. O padre necessitaria apenas de abrir numa página e dizer “Página doze”, que eles começariam a lê-la – não é que estivessem verdadeiramente a lê-la; tinham-na memorizado.

O padre sentia-se bastante satisfeito e achou que seria bom ter mais um papagaio. Em vez de aprender a Bíblia e a contar o terço, poderia ser ensinado a dar sermões completos. Encontrou um papagaio e o dono da loja de animais disse: “O seu desejo tornar-se-á realidade; este é o papagaio mais inteligente que alguma vez vi.”

O que ele não sabia é que, na verdade, se tratava de uma papagaia. Quando ela foi posta na mesma gaiola que os papagaios que rezavam o terço e liam a Bíblia, os dois olharam para a papagaia e um disse ao outro: “George, larga lá esse terço! As nossas preces foram ouvidas.”

Os seus padres não passam de papagaios, e as preces deles almejam poder, prestígio, dinheiro. São políticos disfarçados; fazem política em nome de Deus – a política dos números. Hoje em dia, existem mais de mil milhões de católicos; claro está que o Papa é o homem religioso mais poderoso à face da terra.

Cada religião tem vindo a tentar aumentar a sua população através de diferentes métodos. Aos maometanos é-lhes permitido casarem com quatro mulheres, para que possam produzir quatro crianças por ano. E têm sido bem-sucedidos: são a segunda maior religião logo a seguir ao Cristianismo.

A religião organizada não passa de um nome oco, sem qualquer tipo de conteúdo; oculta no seu interior está a política dos números. Sabemo-lo muito bem – à medida que se aproximam as eleições na Índia, os políticos começam a ir ver os *shankaracharya*. Durante cinco anos, ninguém vai visitar os *shankaracharya*, mas quando o período de eleições se aproxima, o primeiro-ministro vai visitar os *shankaracharya*. Ele parte numa peregrinação até aos templos, atravessando as intempéries dos arredores dos himalaias. Para quê? Subitamente, surgiu um impulso religioso – que diminui à medida que as eleições terminam.

Estas pessoas necessitam de votos; têm de prestar homenagem aos líderes das religiões. E um *shankaracharya* sente-se muito bem por um primeiro-ministro tocar nos seus pés. Os seguidores do *shankaracharya*, os hindus, sentem que “o nosso primeiro-ministro é uma pessoa muito religiosa”. Quando o Papa vem à Índia, até mesmo o presidente e o primeiro-ministro, com toda a sua comitiva, aguardam na fila para o cumprimentar. Porquê? A terceira maior religião na Índia já é o Cristianismo e prestar homenagem ao Papa significa arrecadar todos os votos cristãos.

As religiões organizadas – sejam elas o Cristianismo, o Hinduísmo ou o Islamismo – nunca foram buscadoras da verdade. Em dois mil anos, que verdade é que o Cristianismo organizado acrescentou às afirmações de Jesus? Nesse caso, qual a necessidade de existir esta organização? A religiosidade no mundo não tem aumentado, limita-se pura e simplesmente a repetir o que Jesus disse – para isso, bastará ler os vários livros disponíveis. Em vinte e cinco séculos, quantos budistas procuraram ou encontraram a verdade? Não passa de uma enorme família de papagaios a repetir o que Siddhartha Gautama descobriu.

Há que salientar que Siddhartha Gautama nunca fez parte de qualquer religião organizada; tal como Mahavira não fez parte de qualquer religião organizada e, do mesmo modo, também Jesus nunca

fez parte de qualquer religião organizada – eles eram buscadores individuais. A verdade foi sempre alcançada por indivíduos. É esse o privilégio do indivíduo, é essa a sua dignidade.

As religiões organizadas criaram guerras – tal como na política. Os seus nomes podem ser diferentes: os políticos lutam pelo Socialismo, pelo Comunismo, pelo Fascismo, pelo Nazismo, e as religiões organizadas têm vindo a lutar por Deus, pelo amor, pelo seu conceito daquilo que é a verdade. Milhões de pessoas foram mortas pelos conflitos entre cristãos e maometanos, entre cristãos e judeus, entre maometanos e hindus, entre hindus e budistas.

A religião nada tem que ver com a guerra; é a busca pela paz. Mas as religiões organizadas não estão interessadas na paz – estão, sim, interessadas em tornar-se cada vez mais poderosas e dominantes.

Eu condeno as religiões organizadas da mesma forma que condeno os políticos, porque, na verdade, não passam ambos de política. Quando eu disse que pessoas religiosas deveriam ser respeitadas, honradas – os políticos deveriam aconselhar-se com elas –, não estava a referir-me a religiões organizadas; estava a referir-me apenas a indivíduos religiosos. Um indivíduo religioso não é hindu, nem cristão, nem maometano. Como poderia ser? Nem o próprio Deus é hindu, ou maometano, ou cristão. E o indivíduo que saiba algo sobre o divino será iluminado pela sua divindade, ficará pleno de religiosidade. No velho Oriente, estes religiosos eram as flores mais resplandecentes do nosso jardim, e mesmo reis e imperadores costumavam dirigir-se a eles para tocarem nos seus pés e serem abençoados – para lhes pedirem conselhos acerca de problemas que eram incapazes de resolver.

Se queremos que o mundo permaneça vivo, temos de trazer de volta o primórdio dos nossos dias, altura em que a pessoa religiosa não tinha qualquer interesse pessoal. Por isso é que o seu olhar era honesto, o seu coração se enchia de amor puro, o seu ser não passava de uma bênção. Quem quer que a ela se dirigisse, ficaria curado, os seus problemas seriam resolvidos; ser-lhe-iam incutidas novas perspectivas sobre velhos problemas.

As religiões organizadas deveriam desaparecer da face da terra – deveriam abandonar esse disfarce de serem religiosas. Não passam

de meros políticos, lobos que se ocultam sob a pele de cordeiros. Deveriam revelar-se ao mundo como aquilo que verdadeiramente são; seriam políticos – não há qualquer mal nisso. E *são*, de facto, políticos a toda a hora, mas estão a fazer o seu jogo em nome da religião.

As religiões organizadas não têm qualquer futuro. Deveriam deixar cair a sua máscara e assumir-se como sendo políticos, e tomar o seu lugar no mundo da política, para que pudéssemos encontrar o verdadeiro indivíduo religioso – algo extremamente raro. Mas bastarão poucos indivíduos verdadeiramente religiosos para guiar o mundo até à luz, até à imortalidade, até à derradeira verdade.

*

Qual é o papel da renúncia na sua visão da religião?

O conceito de renúncia é um dos pilares base das pseudoreligiões. A sua fenomenologia deverá ser entendida muito profundamente.

Todas as religiões têm vindo a pregar uma divisão entre este mundo e o mundo que existe após a morte, entre o corpo e a alma. O corpo pertence a este mundo, a alma pertence àquele mundo; por isso, se se quiser alcançar o mundo que existe após a morte, que é eterno, e onde a felicidade não tem fim, então, a felicidade aqui não merece que se lhe chame isso: é momentânea, é coisa de sonhos. É ilusória; é uma espécie de miragem no deserto.

Você está longe e vê um lago. Tem sede e uma boa dose de esperança apodera-se de si. E o lago é absolutamente real, tanto quanto sabe, pois a prova da sua realidade, o facto de lá existir água, prende-se ao reflexo das árvores na água. Se houver uma montanha ao lado, a montanha estará refletida no lago, o sol estará refletido no lago. De que outras provas necessita? Sem água, estes reflexos não poderiam ocorrer. Acelera o passo, cheio de esperança, mas, à medida que se aproxima, apercebe-se de que o lago está a retroceder; a distância entre si e o lago continua a ser a mesma.

Não passou de uma ilusão criada pelo reflexo dos raios de sol na areia escaldante do deserto. Quando os raios de sol são refletidos,

movem-se como ondas, e o seu movimento, à distância, cria a ilusão de água. E no seu movimento ondulante adquirem a capacidade de refletir objetos; tornam-se um autêntico espelho. E aqui temos metade da miragem.

A restante metade está na sua sede. Se não estivesse com sede, talvez tivesse sido capaz de detetar, de descobrir que era uma miragem. Já viu miragens antes; sabe que as miragens poderão parecer quase reais – mas é aí que entra a sua sede. O fenómeno físico de raios de sol refletidos atribui metade da realidade à miragem. A restante metade, e de longe a mais importante, tem a sua contribuição e da sua sede. Quer acreditar que é verdade. Mesmo que estivesse alguém lá a tentar provar que não era real, você ficaria furioso com essa pessoa: está com sede e a água está ali e aquela pessoa está a tentar provar que a água não passa de uma ilusão. Ela não faz ideia do que significa ter sede – talvez nem sequer tenha sede. Não há forma de convencer uma pessoa sedenta de que aquilo que está a ver não é real.

Nem tudo aquilo que você vê será necessariamente real. A aparência não significa realidade. Há já milhares de anos que as religiões têm vindo a dizer às pessoas que a felicidade neste mundo tem a mesma natureza de uma miragem no deserto. Por isso é que você nunca é capaz de a alcançar. Você nunca segura a felicidade nas suas mãos; ela vai e vem. Pode senti-la como a uma brisa, mas pela altura em que dá conta da sua presença, ela já desapareceu. Talvez seja ainda mais irreal do que a miragem. Uma miragem tem sempre, pelo menos, uma dose de realidade – os raios de sol refletidos contribuem em metade, e a sua sede com a restante. Mas na sua denominada felicidade neste mundo, você contribui com cem por cento; não há mais nada que contribua com o que quer que seja.

E você sabe-o. Hoje, uma mulher parecerá tão bela aos seus olhos, que poderá dizer que a Cleópatra não lhe chegaria aos calcanhares. Parece ser a mulher mais bela à face da terra. E não será apenas hoje – não consegue sequer imaginar que alguma vez tivesse havido uma mulher mais bela, ou que possa vir a haver. Está a projetar a sua ideia, porque, para outros, esta mesma mulher poderá não significar nada, e amanhã a mesma mulher poderá nada significar para si. E, nessa

altura, ficará surpreendido, chocado – o que terá acontecido? O que aconteceu à mulher? Não lhe aconteceu nada, ela é a mesma pessoa; algo lhe aconteceu a si.

Ontem tinha sede; a luxúria estava a ser projetada. Hoje a luxúria já está satisfeita; já não há qualquer projeção biológica. A mulher não passa de uma mulher como tantas outras, e a felicidade que tinha derivava apenas da sua projeção – foi você quem criou toda a situação. A mulher, quando muito, desempenhou o papel de um elemento não participante; permitiu-lhe projetar-se nela. Talvez ela também estivesse a projetar a sua mente em si, por isso, foi uma projeção de ambas as partes. Mais cedo ou mais tarde irá desaparecer, porque as projeções não conseguem perdurar a partir do momento em que a sua causa básica já não esteja presente.

A causa básica está na sua biologia; e a biologia não quer saber de amor, poesia e romance, ou do que quer que seja – a biologia leva as coisas a sério! A biologia não está interessada em preliminares e no que acontece depois, isso não passa de um desperdício de tempo; a biologia está interessada na reprodução. Assim que a biologia tenha o seu trabalho feito, retira-se; a projeção desaparece. Nessa altura, você continua no mesmo sítio, a mesma mulher continua nesse sítio – mas já nada é igual.

Para onde terá desaparecido a felicidade? Estava a sentir-se como se tivesse alcançado o topo do Evereste, e eis que dá por si nas profundezas do Pacífico. A mulher enganou-o, e a mulher pensa que a enganou a ela, e ambos tentam livrar-se um do outro. Ninguém enganou ninguém – foram os dois enganados pela biologia. Mas a biologia não é algo externo a si; é uma parte intrínseca do seu corpo. Você é uma projeção de duas outras biologias, a do seu pai e a da sua mãe, e eles eram a projeção de duas outras biologias. É um contínuo, um fluxo semelhante ao de um rio.

As religiões tentaram explorar esta verdade fundamental. É verdade que o romance e a poesia são uma coisa, mas o denominado tema do amor não passa de uma sombra da biologia. Por isso, não é muito difícil perceber: uma injeção com determinadas hormonas poderá criar toda a poesia neste preciso momento, todo o romance.

Mais uma injeção, e eis que dá por si nas profundezas do Pacífico! Agora sabemos que um homem se pode tornar uma mulher e que uma mulher se pode tornar um homem; basta uma pequena alteração nas hormonas, uma pequena alteração de química.

As religiões exploraram esta verdade tão simples. É uma verdade, mas em vez de lha explicarem a si, exploraram-na. Disseram: “Isto é a felicidade temporária. Não corra atrás dela; vai desperdiçar o seu tempo. O verdadeiro mundo encontra-se para além da morte.” Porquê para além da morte? Porque a morte irá destruir toda a sua biologia, fisiologia e química. A morte levará tudo aquilo que seja material. Somente restará o espiritual, e o espiritual conhece o eterno. O material, o físico, apenas conhece o temporário.

Parecia ser bastante lógico; a primeira parte é verdade. A segunda parte é fictícia. Sim, é verdade que os momentos de felicidade nesta vida são muito voláteis, mas isso não significa que haja outra vida para além da morte onde esses momentos se tornem eternos. Não há quaisquer indícios disso. Pelo menos, os momentos desta vida existem e são vivenciados por toda a gente. Por muito pequenos ou voláteis que sejam, eles existem. Ninguém pode negar a sua existência. Poder-se-á dizer que são feitos da mesma matéria dos sonhos – ainda assim, eles existem. Até os sonhos têm uma realidade própria. Eles existem, e afetam-no a si; e quando algo o afeta, torna-se real.

Por exemplo, imagine que está esfomeado. Não foi capaz de comer nada durante todo o dia; está cansado e adormece. Agora, o seu corpo está esfomeado e quer comida. A mente cria um belíssimo sonho em que você é um convidado num enorme festim. A mente está a servir-lhe a comida, porque se a mente não criar o sonho, o seu sono será atribulado. A fome está lá – mas, de alguma forma, você terá de ser convencido de que está a comer, que não tem fome. O seu sono permanece imperturbável. O sonho está a fazer algo real.

Mas como pode algo irreal fazer algo real? Não é possível, mas um sonho tem a sua própria existência. Sim, é diferente de uma rocha, mas uma rosa também é diferente de uma rocha. O sonho é ainda mais diferente; mas afeta-o, afeta a sua vida e o seu estilo de vida – e essas mudanças são bem reais.

Por isso, há que lembrar o seguinte: nesta vida, há prazeres momentâneos, experiências voláteis de felicidade, explosões súbitas de alegria – mas você não consegue segurá-los. Não consegue guardá-los no seu cofre. Não consegue fazer com que se tornem permanentes. E pelo simples facto de não conseguir torná-los permanentes, as religiões encontraram forma de o explorar. Foi uma estratégia extremamente astuta. Você quer torná-los permanentes; o seu maior desejo é ser feliz para sempre, sem saber o que significa ter dor, tristeza, angústia – nunca. Quer estar sempre no paraíso – é esse o seu desejo.

As religiões exploraram essa necessidade. Disseram: “Existe um sítio assim, mas não conseguirás chegar a lado nenhum sem primeiro pagares por isso.” Parece ser perfeitamente matemático, económico. As religiões começaram a pregar que você tem de sacrificar esta vida caso queira alcançar o mundo do paraíso eterno que se esconde para além da morte. E sai relativamente barato, pois a única coisa que estará a sacrificar são experiências esporádicas, momentâneas e voláteis.

Se juntar todos os momentos de felicidade que terá ao longo dos setenta anos da sua vida, provavelmente não conseguirá sequer sete momentos que sejam, com certeza absoluta, de puro êxtase.

Em setenta anos de vida, nem sequer sete momentos? Então, afinal, o que anda por aqui a fazer – a massacrar-se a si próprio e aos outros? Sim, não consegue sequer encontrar sete momentos, porque a natureza desses momentos é tal que, quando eles existem, apoderam-se de si por completo, possuem-no – sim, essa é a palavra correta –, possuem-no por completo. Mas quando desaparecem, despossuem-no de forma tão intensa como quando o possuíram, por isso, resta-lhe apenas uma memória. E durante quanto tempo conseguirá viver numa memória que se mostrou ser tão enganadora?

Passados alguns dias, começa a ter dúvidas sobre se isso realmente aconteceu, ou: “Estaria eu apenas a imaginar?” Porque, em toda a sua experiência de vida, esse momento parece ser tão contraditório... Os anos passam, depois talvez haja um determinado momento... E nem isso está nas suas mãos. Não pode decidir quando e onde irá acontecer.

Por isso, anos e anos a arrastar uma recordação, e um certo momento que se tornou apenas uma memória começa, num ritmo lento, a esfumar-se.

Por isso, mesmo que perguntasse a alguém com setenta anos de idade, essa pessoa não conseguiria sequer mencionar sete momentos. E à medida que você vai envelhecendo, torna-se cada vez mais ínfima a possibilidade da ocorrência desses momentos. Passa a haver cada vez mais desilusão, cada vez mais decepção. No futuro resta apenas a morte e a escuridão, e no passado nada mais há do que decepção.

As religiões saíram-se com um belo argumento para o explorar – e safaram-se bem, um pouco por todo o mundo. Durante milhares de anos, encontraram o melhor negócio – melhor do que qualquer outro: têm vindo a vender-lhe o paraíso, e quase a troco de nada. A única coisa que lhe pedem é: “Renuncia a esta vida momentânea e toda a felicidade eterna será tua.” Daí que a renúncia se tenha tornado uma crença fundacional: quanto mais renunciar, mais digno se tornará, e mais certo poderá estar de que se está a aproximar. Por isso as pessoas tentaram renunciar a tudo.

Mahavira ia tornar-se rei. O seu pai já era velho e perguntava insistentemente a Mahavira: “Vá, deixa-me reformar. Estou cansado; e tu estás pronto, és novo, instruído – estou plenamente satisfeito. Onde poderia eu encontrar melhor filho do que tu? Prepara-te para ocupares o meu lugar.” Mas Mahavira tinha outros planos. Durante o tempo de aprendizagem com os padres e os monges, haviam-lhe envenenado a mente. Tinham-lhe dito que se fosse capaz de renunciar ao trono, “Então, o reino de Deus será teu”. Quanto maior a renúncia, claro está, maior a recompensa. Por isso é que os vinte e quatro grão-mestres do jainismo eram todos reis.

Tenho vindo a perguntar aos monges jainistas: “Qual é o segredo nisto? Haveria alguma outra pessoa no país que pudesse almejar tornar-se grão-mestre – um guerreiro, um brâmane, um sábio, qualquer pessoa... Porquê somente reis?” Não têm qualquer resposta para isto. Eu costumava dizer-lhes: “Eu não to pergunto para que me dê uma resposta, pois essa eu já a tenho. Eu pergunto-to para que comeces a pensar nisso.”

A resposta é simples: como eles renunciaram ao trono, a maior recompensa tinha de ser para eles. Um homem pobre poderá renunciar ao que quer que tenha – mas o que tem ele? Ele não se pode tornar um *tirthankara*, o mestre supremo. Até mesmo no paraíso, ele terá de morar algures nos subúrbios da cidade. Ele não conseguirá entrar porque irão perguntar-lhe: “Ao que é que renunciaste? Aliás, antes de mais, o que tens tu a que possas renunciar?” Por isso, claro que os reis estarão muito próximos do castelo de Deus; depois deles, estarão os mais ricos, as pessoas riquíssimas; seguidamente, as pessoas da classe média; depois a classe baixa, e somente a seguir estarão aqueles que não tinham nada a que renunciar – já nada tinham. Na verdade, eles é que deveriam estar ao lado de Deus, por não terem nada. Mas permanecerão nas linhas fronteiriças do paraíso; não conseguirão mostrar o seu saldo bancário no outro mundo.

Todos os avatares hindus são reis: Rama, Krishna... O Buda também é um rei. É estranho que estas pessoas sejam extraídas apenas de reis, mas se entendermos a estrutura, a estratégia do padre, torna-se claro: foram eles que renunciaram a mais, logo, serão aqueles a quem mais é prometido. Ninguém sabe se chegaram a receber algo após a morte ou não, mas a ideia ficou tão enraizada pela simples razão de que contém um grão de verdade: nesta vida, tudo é momentâneo.

Para mim, nada que seja momentâneo está errado. Aliás, o facto de ser momentâneo é que o torna tão empolgante, tão extático. Se o tornarmos permanente, acabará por morrer. De manhã, a rosa abre-se, tão fresca, com gotas de orvalho frescas ainda a pender das suas pétalas, tão fragrante. Não podemos sequer imaginar que pela noite estas pétalas se transformarão em pó e a rosa irá desaparecer. Gostaríamos que ela fosse permanente, mas para isso necessitaríamos de uma flor de plástico; uma flor verdadeira não servirá.

Uma flor verdadeira tem de ser momentânea. Para ser real, tem de ser momentânea; apenas coisas de plástico podem ser permanentes.

O plástico é uma descoberta recente. Não pertencia ao conhecimento de Buda, Mahavira, Maomé, Jesus, mas eu posso dizer-lhe que o paraíso deve ser feito de plástico. Se realmente existir algum tipo de paraíso, então não poderá deixar de ser de plástico, porque o plástico

tem a qualidade de não morrer; é imortal. Agora, os cientistas estão preocupados – especialmente os ambientalistas – porque o plástico é tão barato que as pessoas simplesmente o descartam. O vidro não era tão barato; antes as garrafas eram guardadas ou então devolvidas para se receber o depósito de volta. O plástico é tão barato que tudo o que seja feito desse material é descartável: usa uma vez, e livra-se logo disso. Mas não sabe para onde vai. Vai-se juntando nos oceanos, nos leitos dos rios, nos lagos sob a terra, e não há forma de a natureza o dissolver, porque a natureza não está preparada, não foi feita para absorver plástico.

Se foi Deus quem criou este planeta, então certamente não saberá tudo. Pelo menos uma coisa não sabia: que um dia viria a existir plástico. Ele não criou nada na natureza, quaisquer químicos que pudessem dissolver o plástico. E, assim, o plástico continua a acumular-se. Em breve, ter-se-á já acumulado em tal proporção que irá destruir a fertilidade da terra, irá envenenar as águas. Nada o poderá destruir; será ele a destruir tudo.

No paraíso hindu, as *apsaras* – como traduzir a palavra *apsara*? – são acompanhantes de luxo para os grandes sábios que aí vivem. Claro está que eles precisam de acompanhantes. Essas acompanhantes, essas *apsaras*, são as mais belas; é assim que tem de ser. Permanecem jovens para sempre – isso a mim faz-me suspeitar que são de plástico. Ficam presas nos dezasseis anos de idade; durante milhões de anos, permanecem com dezasseis anos. Na mentalidade indiana, dezasseis anos é a idade da maturidade para uma mulher, por isso elas permanecem nos dezasseis anos.

As *apsaras* não transpiram; nem Mahavira, nem Buda, nem Jesus, nem Maomé faziam ideia do que é um desodorizante, por isso apenas lhes poderia ter ocorrido que as raparigas que servissem os sábios não deviam transpirar. Mas somente um corpo que seja de plástico é que não transpira; caso contrário, a transpiração é estritamente necessária. E essas raparigas não envelhecerão, não morrerão.

No paraíso, nada morre, nada envelhece, nada muda; deve ser um sítio verdadeiramente aborrecido. Consegue imaginar o tédio – um sítio onde tudo é igual, todos os dias? Lá não há necessidade de

quaisquer jornais. Ouvi dizer que houve um único jornal – uma edição, um dia – e foi um fracasso porque, após esse acontecimento, nada mais aconteceu! Descreveu tudo na primeira edição, que se viria a tornar a última edição.

Este desejo pelo permanente é, de certa forma, doentio, mas existia, por isso, as empresas religiosas – sim, eu chamo-as de empresas –, cristãs, hindus, maometanas, viram o seu negócio proliferar por séculos a fio. Continuam a proliferar, e o seu negócio nunca terminará, pela simples razão de que vendem bens invisíveis. Pegam em coisas nossas, visíveis, e dão-nos coisas invisíveis em que temos de acreditar.

Recordo-me de uma história...

Um rei tinha conquistado o mundo inteiro e estava muito inquieto – o que iria ele fazer agora? Ele pensava que, uma vez que tivesse conquistado o mundo inteiro, poderia descansar. Jamais lhe passara pela cabeça que se pudesse sentir tão inquieto; nunca tinha ficado tão inquieto. Enquanto lutavam, invasão após invasão, de forma contínua – porque há sempre um novo lugar para onde ir, algum inimigo para destruir, algum país para conquistar –, não havia espaço, não havia tempo para ficar inquieto, ele estava sempre tão ocupado. Mas agora que tinha conquistado o mundo inteiro, estava incrivelmente inquieto – o que faria ele agora?

Um vigarista ouviu falar da sua situação. Dirigiu-se ao seu palácio, pediu para ter uma reunião com o rei e disse: “Eu tenho o remédio para a inquietude.”

Foi levado de imediato para o interior do palácio, pois todos os médicos tinham falhado. O rei não conseguia dormir, não se conseguia sentar, andava para trás e para a frente, e estava constantemente preocupado. Perguntava: “O que hei de fazer agora? Não há outro mundo? Descubram-no! Vamos conquistá-lo.”

O vigarista apresentou-se na corte, perante o rei, e disse: “Não vos preocupeis. Sois o primeiro homem a ter conquistado o mundo inteiro. Sois digno de receber as roupas do próprio Deus – e eu posso tratar disso.”

Esta era uma ideia fascinante. O rei ficou imediatamente interessado. Ele disse: “Começai a trabalhar! As próprias roupas de Deus... já alguma vez estiveram na Terra?”

O homem disse: “Nunca, porque ainda ninguém foi merecedor delas. Sois o primeiro. Por isso, pela primeira vez, trarei as roupas do paraíso para vós.”

O rei disse: “Deverão ser feitos todos os preparativos. Quanto irá custar?”

O homem respondeu: “As roupas vão para além de qualquer valor; no entanto, serão necessários milhões de rupias – mas não é nada.”

E o rei: “Não vos preocupeis, o dinheiro não representará qualquer problema. Mas não vos atreveis a enganar-me.”

O homem disse: “Não há qualquer possibilidade de engano. Ficarei no vosso palácio e podereis colocar o vosso exército em redor do palácio. Farei o meu trabalho a partir daqui; claro está que o meu quarto não deverá ser aberto até que eu bata à porta, pela parte de dentro. Podeis trancar a porta do lado exterior, para vos assegurardes de que não fujo. Mas seja qual for a quantia de dinheiro que vos peça, tereis de assegurar que será enviado para a pessoa cujo nome eu vos dê. Não levará mais do que três semanas.” E no espaço de três semanas ele exigiu milhões de rupias. Dava um nome todos os dias: de manhã, à tarde, à noite... “Imediatamente! Urgentemente!”

O rei sabia que o trabalho era imenso... E o homem não o poderia enganar. Onde poderia ele ir? Ele estava trancado. Certamente que não iria fugir. Após três semanas, o homem bateu à porta do lado interior e a porta foi aberta. Saiu com uma caixa enorme e belíssima. Ele tinha entrado no quarto com a caixa, dizendo: “Tenho que levar a caixa comigo para as roupas que vos vou trazer.” Para garantir que não estava a ser enganado, o rei tinha aberto a caixa para verificar se tinha alguma coisa dentro. Estava vazia, não havia engano, por isso a caixa fora devolvida ao homem.

Então o vigarista saiu do quarto e disse: “A caixa será aberta na corte, perante todos os sábios, os eruditos, os generais, a rainha, o rei, o príncipe, a princesa – todos deverão estar presentes, pois esta é uma

ocasião única.” O homem devia ser verdadeiramente corajoso – todos os vigaristas o são.

Quando toda a corte se havia já juntado, ele chamou o rei. “Chegai-vos aqui. Vou abrir a caixa. Dai-me o vosso turbante. Colocá-lo-ei na caixa, pois foram essas as instruções que me foram dadas: primeiro colocarei o vosso turbante, depois retirarei o turbante que Deus ofereceu, e dá-lo-ei a vós. Sereis vós a colocá-lo.”

“Só mais uma coisa”, declarou ele à corte, “estas roupas são divinas, por isso apenas aqueles que sejam realmente filhos dos seus pais as conseguirão ver. Aquelos que sejam bastardos ficarão de fora. Não posso fazer nada quanto a isso, é esta a condição”.

Mas todos disseram: “Não há qualquer problema nisso. Somos todos filhos dos nossos pais.”

O turbante do rei foi colocado no interior da caixa, o vigarista retirou a mão vazia da caixa e disse ao rei: “Contemplai a beleza do turbante!” A sua mão estava vazia, mas a corte inteira começou a aplaudir, e todos tentavam suplantar-se, gritando que jamais fora visto algo tão belo.

Nesse momento, o rei pensou: “Se eu disser que a sua mão está vazia, então serei o único bastardo e todos estes bastardos serão realmente filhos dos seus pais. Por isso, é melhor ficar calado.”

Na verdade, todos estavam a passar pelo mesmo. Todos viram que a sua mão estava vazia, mas quem o assumiria, arriscando-se a ficar condenado, quando todos os outros conseguiam ver algo? Começaram a suspeitar: “Talvez eu seja um bastardo, por isso mais vale manter-me calado. Qual era o sentido de ser condenado desnecessariamente por todos?” E assim começaram a gritar ainda mais alto sobre a beleza do turbante.

O rei colocou o turbante, que não existia, na sua cabeça. Mas não foi só o turbante; uma a uma, as outras peças de roupa começaram a desaparecer. A dado momento, já lhe restava apenas a roupa interior. Por breves instantes, o rei pensou: “Que hei de fazer agora?” Mas já era demasiado tarde para voltar atrás. “Se eu vi o turbante, e vi o casaco, e vi a camisa, então porque não poderei ver a roupa interior? Agora é melhor que a veja. Não há forma de voltar atrás. Este homem...”

O homem segurava a roupa interior invisível nas suas mãos e mostrava-a a todos: “Vede quantos diamantes há na roupa interior!”

Toda a corte aplaudia, dizendo: “Jamais aconteceu algo semelhante em toda a História da humanidade.”

A roupa interior do rei também foi colocada na caixa. Mas aquele vigarista era uma verdadeira peça! Ele disse: “Quando eu estava a regressar, Deus disse-me: ‘É a primeira vez que estas roupas vão para o mundo, por isso diz ao rei, por mim, que quando ele utilizar estas roupas, terá de ir em procissão por toda a capital, para que todas as pessoas possam ver. Caso contrário, essas pobres pessoas nunca terão oportunidade de vislumbrar tais vestes.’ A carruagem já está pronta, por favor, vinde.”

Agora, a cada novo passo, tornava-se mais difícil voltar atrás. O rei começou a pensar: “Teria sido melhor se simplesmente tivesse parado com tudo isto na altura do turbante – mas agora é demasiado tarde. Se eu disser que estou nu... mas toda a corte está a aplaudir.”

E começaram a dizer: “Sim, senhor, está certo: se Deus pediu, tem de ser feito. E essa é a forma correta de dar as boas-vindas às roupas.”

As ruas estavam cheias de gente, porque se espalhara por todo o território o rumor de que estavam a chegar as roupas de Deus. E o rei havia concordado. Mantinha-se nu, na sua carruagem, e à sua frente o homem anunciava: “Estas roupas apenas serão vistas por aqueles que não sejam bastardos.”

Por isso, todos viam as roupas, exceto uma pequena criança que tinha ido assistir à procissão acompanhada pelo seu pai. Sentada nos ombros deste, ela disse: “Papá, parece que o rei vai nu.”

O pai exclamou: “Seu idiota, está calado! Quando cresceres, serás capaz de ver as roupas. É necessária uma certa dose de maturidade; uma simples criança como tu não consegue ver as roupas. Se queres assistir à procissão, fica calado. Eu vi logo que não era boa ideia trazer-te para aqui.”

Mas a criança não conseguia resistir; voltou a repetir, vezes sem conta: “Mas eu estou a vê-lo perfeitamente, e ele está nu.” O pai teve de fugir com o miúdo para longe da multidão, porque se os outros

o ouvissem, significaria que o filho não era seu, mas sim de outro homem.

É muito fácil explorar pessoas com bens invisíveis, forçá-las a fazer coisas contra a sua vontade – e é disso que trata a renúncia. É uma vigarice, levada a cabo pelo padre, em nome de Deus, da verdade, da *moksha*, do nirvana. As designações podem ser diferentes, mas o padre é o maior vigarista à face da terra. Os outros vigaristas não passam de pequenos criminosos. Em que é que nos podem enganar? Mas o padre, o profeta, o messias, o avatar, o *tirthankara* – esses são supervigaristas. Venderam coisas que ninguém conseguiu ver, que ninguém alguma vez conseguirá ver. Não existe uma única testemunha. Ninguém regressou da morte e disse: “Sim, existe a beleza eterna, a felicidade eterna, o silêncio eterno, a paz eterna.” O negócio continua porque ninguém o pode contrariar. Se o contrariarmos, estamos errados, pois o resto do mundo acredita.

Houve, contudo, uma certa verdade que eles tentaram encaixar na sua estratégia de exploração: na vida, tudo é momentâneo. Não há nada de mal nisso; tem de ser assim. Caso contrário, a vida seria intolerável. As coisas mudam, e ainda bem que mudam; caso contrário, estariam mortas. É a mudança que as mantém vivas.

Nós estamos em constante mudança. Lembra-se do dia em que pulou da infância para a adolescência, ou quando passou da juventude para a terceira-idade? Não conseguimos traçar uma linha entre a fase em que éramos crianças, adolescentes, jovens adultos, pessoas de meia-idade e pessoas da terceira-idade. Você consegue traçar essa linha? Não, pois muda a cada momento que passa; é um processo contínuo. Desde que fomos concebidos que estamos em constante mudança. Dentro do ventre da nossa mãe, naqueles nove meses mudámos tanto... Não iremos mudar tanto em noventa anos de vida. Se nos mostrarem fotografias dos nove meses que passámos no ventre da nossa mãe, não conseguimos admitir que são fotografias nossas. Ou acha que conseguirá reconhecer-se nelas? Mudámos completamente, e continuamos a mudar a cada momento – e não somos só nós. Tudo o que nos rodeia está a mudar. Todas as estrelas se movem e mudam.

Todos os dias, quando uma estrela morre e desaparece – podia já existir há milhões de anos –, uma nova estrela nasce. Todos os dias, isso volta a acontecer.

A vida é um fluxo, um movimento, um contínuo. Não há nada de mal nisso. Aproveite esse momento que vem e vai. Absorva o máximo dele, porque é volátil – não desperdice tempo a pensar. Não comece a pensar que é volátil. Não se deixe incomodar com o que irá acontecer amanhã, quer seja consigo ou não; e não perca tempo a pensar no dia de ontem. Enquanto durar, esprema todo o sumo e beba-o na totalidade. E aí, quem quererá saber se se vai embora, ou se fica? Se ficar, continuará a beber. Se se for, bem, já beberá numa outra altura.

Para quê insistir em que esse momento se torne permanente? Como poderá você saber se não estão prestes a chegar melhores momentos? Apenas uns momentos antes, nem sequer sabia que iria ter este momento. E quem sabe – quando este momento terminar, talvez algo melhor esteja a caminho. Aliás, já está a caminho, porque se tiver imergido totalmente no momento, terá aprendido algo de suma importância. E utilizará essa aprendizagem no momento seguinte.

A cada momento que passa, a sua maturidade cresce. A cada momento torna-se mais centrado, cada vez mais fazendo parte do momento, mais consciente, mais capaz de viver. Quem quer saber da morte? Tratará de desfrutar dela quando morrer. A morte também será um momento na vida. A morte não representa o fim da vida, antes, sim, um mero momento de transformação, pois nada consegue morrer. Você não pode destruir nada; simplesmente muda a sua forma, o seu corpo.

Agora, a ciência é capaz de destruir Hiroxima, Nagasáqui, o mundo inteiro – mas, na verdade, não será bem assim. Não consegue destruir uma única pedra. Não a consegue destruir na sua totalidade, não a consegue aniquilar; continuará a estar lá. Podemos parti-la em pedaços, mas esses pedaços continuarão lá. Podemos submetê-la a temperaturas equivalentes à do próprio Sol; ela irá derreter, mas continuará lá. Sim, conseguimos mudar-lhe a forma, mas não há maneira de a eliminar da existência.

Nada morre, nada nasce.

O nascimento significa apenas que a forma que tínhamos não era essa forma, mas uma outra qualquer, por isso não conseguimos reconhecê-la. Nem sequer conseguimos reconhecer imagens do ventre da nossa mãe. Se eu lhe mostrar uma imagem da sua vida anterior, vai reconhecê-la? Esqueça o ventre da sua mãe, provavelmente nem reconhecerá uma fotografia de quando tinha três meses, seis meses, nove meses. Tudo muda, de forma contínua.

A morte é uma transformação tremenda.

Poderá perguntar-me qual o lugar para a renúncia na minha religião. Antes de lhe responder, há algo que ainda merece ser referido: esta ideia de renúncia ficou de tal forma enraizada na humanidade, que até mesmo pessoas que tenham negado a existência da vida após a morte utilizaram a mesma lógica. A lógica tornou-se quase universal.

Por exemplo, na Índia havia uma escola de ateus chamada Charvaka. A palavra *charvaka* merece ser entendida. Os seus inimigos – todas as religiões são inimigas dos Charvakas – queimaram todos os livros, por isso não há um único livro sobre eles. Tudo o que sabemos provém das escrituras de hindus, jainistas e budistas, em que estes criticavam os Charvakas. Por isso, conseguimos ter uma noção do que essas pessoas diziam, mas não podemos ter certeza absoluta. E todas estas pessoas, que destruíram as escrituras Charvakas, eram religiosas. Talvez também tenham matado muitos deles, pois hoje em dia não há um único Charvaka na Índia. E as escrituras são todas tão contra os Charvakas, que mais parece que, a dada altura, deverão ter sido uma força tremenda. Caso contrário, para quê criticá-los, se não há ninguém que siga a sua filosofia?

As três religiões argumentavam e debatiam continuamente contra os Charvakas. Deve ter sido uma filosofia muito popular. E, de facto, ainda é uma filosofia poderosa nos dias que correm – mas, como as pessoas são hipócritas, não o reconhecem. Bastará ouvir a sua filosofia para concluir que 99,9% das pessoas são Charvakas. Podem ser cristãs, podem ser hindus, podem ser maometanas, isso não interessa, pois não passam de máscaras.

E, assim, as escrituras inimigas apresentam a seguinte descrição para a palavra *charvaka*: coma, beba e seja feliz. Charvaka significa

aquele que acredita em comer, comer, comer – através de todos os sentidos. Não posso afirmar que algum Charvaka o tenha dito, mas é possível. As escrituras inimigas citam os Charvakas, dizendo: “Mesmo que tenhas de pedir dinheiro emprestado, não te preocupes, mas bebe, come, sê feliz. Vá, continua a pedir dinheiro emprestado, porque, após a morte, nem tu aí estarás para pagar, nem estará aí ninguém para te perguntar ‘E então, onde está o meu dinheiro?’. Tudo termina com a morte, por isso não percas tempo com estes padres a dizerem-te que tens de sofrer pelos teus karmas. Desfruta a vida de todas as formas possíveis. Não deixes de celebrar. Este é o único mundo.”

Numa das escrituras inimigas – a pessoa que a escreveu deverá ter sido alguém muito liberal –, lê-se que este é o significado atribuído pelos inimigos, por nós. Mas os Charvakas em si têm um significado diferente para o seu nome. Significa aquele que tem uma filosofia doce – esse significado é possível, pela mesma palavra –, aquele que fala palavras adocicadas. E a verdade é que eles proferem palavras adocicadas. Mas também estão presos na mesma lógica.

As pessoas religiosas dizem: “Renuncia a este mundo, se queres desfrutar daquele mundo.” E os Charvakas dizem: “Renuncia àquele mundo se queres desfrutar deste mundo.” Mas a lógica é a mesma. Pegaram no tema a partir de ângulos diferentes, mas ambos nos estão a pedir para renunciar a um pelo outro. Os Charvakas dizem para renunciar ao outro mundo; não existe qualquer Deus, nem nirvana, nem paraíso – simplesmente há que renunciar a ele. Isto que aqui temos é tudo o que existe, por isso, há que aproveitar.

Na Grécia, Epicuro tinha a mesma filosofia e deixou-se levar pela mesma lógica. Até Karl Marx se deixou levar pela mesma lógica: não existe qualquer outro mundo. O primeiro esforço consiste em negar o outro mundo, apenas então se conseguirá usufruir deste mundo. Por isso, primeiro, há que demolir o outro mundo: não existe um Deus, nem paraíso, nem céu, nem nada. Não há nenhuma alma para sobreviver; com o nosso corpo, tudo morre. Nós não passamos de um corpo, com a sua química, a sua biologia e a sua filosofia, todas juntas – um subproduto de todas estas coisas. É como um relógio que trabalha de forma contínua – não significa que haja uma alma que faça mover os

ponteiros. Bastará desmontá-lo para perceber que não há qualquer alma, apenas um conjunto de peças organizadas. Se o voltarmos a montar, ele voltará a funcionar. Karl Marx diz: “A consciência não passa de um subproduto, não tem uma existência independente.” Por isso, quando o corpo morre, a consciência desaparece.

Porquê esta insistência em negar o outro mundo? – pela simples razão de que a não ser que neguemos o outro, não seremos capazes de desfrutar deste.

Mas, por favor, acompanhe o meu raciocínio, que é completamente diferente do de todas estas pessoas – os religiosos, os antirreligiosos, os teístas, os ateus. Eu não pertencço a nenhum destes grupos. Eu digo que a vida continua a existir, mas não há qualquer necessidade de lhe chamar “o outro mundo”. É o mesmo mundo, a mesma continuidade. O Ganges nasce nos Himalaias; não passa de um pequeno riacho. À medida que desce, outras cascatas, outros riachos juntam-se a ele; vai ficando maior, maior, cada vez maior. Quando sai dos Himalaias, é um vasto rio. Jamais poderíamos imaginar que se trata do mesmo rio. Mas podemos vê-lo, de onde ele nasce. Amando os hindus a vaca como amam a mãe, colocaram na origem do Ganges o focinho de uma vaca de pedra. O Ganges cai pelo focinho; é um riacho tão pequeno, tão minúsculo...

Pela altura em que o Ganges chega a Varanasi, não dá para acreditar na sua extensão. E quando, já perto de Kolkata, está prestes a desaguar no oceano, torna-se ele próprio quase oceânico, de uma vastidão inimaginável. Desagua no oceano; mas também aí permanecerá o mesmo. Para onde poderá ir? Sim, já não é um rio – talvez alguma água se evapore para as nuvens, talvez alguma água se torne gelo e se dirija para o Ártico – mas permanecerá o mesmo, nada é perdido.

Por isso, eu não digo que se deva renunciar ao que quer que seja: este mundo por aquele, ou aquele por este. Não temos de renunciar de todo.

Temos de viver! Temos de viver intensa e totalmente, onde quer que estejamos, sejamos nós o que formos.

E se desfrutarmos deste tempo, deste espaço, desta oportunidade que nos é apresentada, na sua totalidade, certamente que alcançaremos um maior estado de consciência. Estaremos a ganhar, a aprender,

a compreender, a tornar-nos mais conscientes. A vida continuará. A forma que possa adquirir dependerá da nossa consciência, se é mais elevada, menos elevada, se se move mais em direção à angústia ou ao êxtase – mas depende deste momento. Por isso eu não digo para se renunciar a este mundo.

De certa forma, eu sou um homem estranho, pois sou contra as religiões. As pessoas religiosas na Índia têm vindo a manifestar-se contra mim nos seus livros e artigos – e os comunistas também têm escrito livros e artigos contra mim.

Certa vez, fiz uma viagem em que o presidente do Partido Comunista da Índia, S. A. Dange, partilhava o mesmo compartimento que eu. O seu genro tinha acabado de lançar um livro onde manifestava estar contra mim. Ele perguntou-me: “Já viu o livro que o meu genro escreveu contra si?”

Eu respondi-lhe: “Estou tão envolvido na minha tarefa de viver, que não quero saber quem escreve sobre mim. E qualquer pessoa que escreva sobre mim deve ser tola, pois está a desperdiçar o seu tempo. Devia preocupar-se em viver! Ou então, se tem assim tanta vontade de escrever, que escreva sobre si próprio. E porque havia eu de ler essa porcaria? Ele até pode ser o seu genro – por isso, leia-o você, eu não estou interessado.”

Ele estava já preparado para me dar o livro. Eu disse: “Atire-o pela janela fora, já foram escritos tantos livros contra mim, não posso desperdiçar o meu tempo.” Continuei: “E só para sua informação, poderá parecer estranho, mas pessoas religiosas escrevem contra mim e pessoas antirreligiosas, comunistas, também escrevem contra mim. Isto nunca aconteceu antes.”

O que estou a tentar fazer é dar-lhe a si uma perspectiva completamente diferente, que vai em sentido totalmente oposto ao da velha lógica. São ambos parceiros no mesmo jogo, e eu estou a tentar destruir o jogo todo, a lógica toda.

Ambos acreditam que se tem de renunciar ao mundo; qual deles, isso já será outro tema. Mas concordam num ponto: tem de se

renunciar a um dos mundos. As religiões dizem: isto por aquilo; os comunistas dizem: aquilo por isto – esse é o único desentendimento entre eles. Mas a base da lógica é a mesma: somente podemos ter um dos mundos. Pois eu digo: porque não podemos ter os dois? Não estou a ver qualquer conflito nisso; eu tenho os dois. E, de acordo com a minha experiência, quanto mais temos disto, mais teremos daquilo, porque vamos adquirindo experiência.

Se realmente existe um paraíso, uma coisa é certa: os nossos monges não serão capazes de desfrutar dele. De que haviam eles de desfrutar? Durante toda a sua vida, denunciaram mulheres, condenaram mulheres, e no paraíso vão encontrar acompanhantes. Vão ficar bastante nervosos; muitos deles vão ter ataques cardíacos. Aqui, estão a renunciar: não deveríamos comer comida com sabor, o sabor é um extra acrescentado à comida – e no paraíso vai-lhes ser servida a comida mais saborosa; vão passar o tempo a vomitar. Toda a sua experiência de vida estará contra o paraíso.

Apenas as minhas pessoas conseguirão usufruir plenamente do paraíso. Nem sequer as pessoas religiosas conseguirão usufruir dele, porque foram-se destruindo e minaram a sua capacidade de aproveitar, nem os comunistas, pois insistem em não abrir os olhos. Negaram a existência do que quer que seja após a morte. Manterão os seus olhos fechados, por forma a continuarem convencidos de que não há nada; caso contrário, toda a sua filosofia de vida se mostrará errada. Mais vale manter os olhos fechados. É isso que as pessoas fazem: se algo estiver contra elas, qualquer facto, tentam evitar o mesmo; é perturbador. Os comunistas vão ficar cegos de raiva; não conseguirão aceitar que a ideia de Karl Marx está errada e que *O Capital*¹ está errado. E as pessoas religiosas serão as mais perturbadas no paraíso, irão encontrar dificuldades em todo o lado. Talvez, na verdade, haja divisões no paraíso. O paraíso dos maometanos parece ser diferente do dos hindus, dos cristãos, dos jainistas – talvez as regiões estejam divididas e sejam destinadas a diferentes tipos de pessoa.

¹ *O Capital*: conjunto de livros de Karl Marx onde é feita uma análise do capitalismo. (N. da T.)

Apenas as minhas pessoas conseguirão nadar em todos os oceanos. Conseguirão adaptar-se a qualquer sítio, porque não têm qualquer rotina de vida fixa, um estilo de vida fixo. Tudo o que lhes estou a ensinar é a permanecerem flexíveis, livres, abertas, disponíveis para novas experiências, para novas viagens. Por isso, as minhas pessoas não estarão confinadas a uma única região. Visitarão todas as regiões e desfrutarão de todas as paisagens do paraíso; ninguém as poderá impedir.

É possível ter os dois mundos – por isso, porquê prejudicar as pessoas? Façamos desta vida uma experiência, uma escola, uma aprendizagem, uma disciplina, porque algo desconhecido dar-se-á a conhecer após a morte e temos de estar preparados para o que der e vier. Não deixemos passar ao lado qualquer oportunidade de viver. Quem sabe que tipo de vida teremos após a morte?

Não lhe vou dar nenhuma ideia preconcebida, porque se lha der, serei seu inimigo; estarei a torná-lo a si uma pessoa preconcebida, inflexível, rígida, morta. Seja flexível, para que se possa mover em qualquer dimensão que se venha a mostrar disponível.

Na minha religião, não há espaço para a renúncia.

Em sânscrito, a palavra para renúncia é *sannyas*, a renúncia tornou-se tão importante que a própria palavra *sannyas* passou a ser utilizada para esse fim. Mas eu atribuí-lhe um novo significado. As pessoas que atribuíram a *sannyas* o significado de renúncia diziam que era “a forma correta de renunciar à vida”. Mas eu, quando me refiro a *sannyas*, quero dizer “a forma correta de viver a vida”.

A palavra *sannyas* poderá significar ambas as coisas. Se pode significar a forma correta de viver, para quê limitar as pessoas, reduzir-lhes as vidas, destruir a sua naturalidade, a sua espontaneidade? Porque não ajudá-las a ter o máximo de diversidade nas suas vidas, abrir-lhes o máximo de dimensões possível? O meu *Sannyasin* é multidimensional. A totalidade da vida é nossa. Amemo-la, vivamo-la em pleno. É essa a única forma de nos prepararmos para a morte.

Então também saberemos viver a morte, em todo o seu esplendor; e é uma das mais belas experiências. Não há nada na vida que se possa assemelhar à experiência da morte, exceto a meditação profunda.

Por isso, aqueles que conhecem a meditação sabem algo sobre a morte – é essa a única forma de saber antes de se morrer.

Se digo que não há experiência mais significativa na vida do que a morte, faça-o não porque tenha morrido e regressado para o contar, mas porque sei que na meditação nós nos mudamos para o mesmo espaço da morte – porque na meditação, já não somos a nossa fisiologia, já não somos a nossa biologia, já não somos a nossa química, já não somos a nossa psicologia. Todas elas são deixadas para trás. Entramos no lado mais profundo do nosso ser, onde não há nada além de pura consciência. Esse estado de pura consciência estará connosco quando morrermos, porque não nos poderá ser retirado. Tudo aquilo que possa ser retirado, nós retiramo-lo com as nossas próprias mãos durante o estado de meditação. Assim, a meditação é uma experiência de morte em vida. E é tão bela, tão indescritivelmente bela que apenas poderá ser dita uma coisa sobre a morte: deverá ser essa experiência, multiplicada por milhões. Se multiplicarmos a experiência da meditação por milhões, teremos o equivalente à experiência da morte.

E quando falecemos, somente deixamos a nossa forma para trás. Permanecemos absolutamente intactos, e pela primeira vez estamos fora da prisão da fisiologia, da biologia, da psicologia. Todos os muros são derrubados e ficamos livres. Pela primeira vez, podemos abrir as nossas asas para o existencial.